

GRAMATICALIZAÇÃO DO *LÁ* NA FALA POPULAR SOTEROPOLITANA

Amanda Almeida de Jesus (UNEB)

amanda.seduc@yahoo.com

Cristina dos Santos Carvalho (UNEB)

crystycarvalho@yahoo.com.br

RESUMO

Neste trabalho, objetivamos analisar os usos do *LÁ* e sua gramaticalização na fala popular soteropolitana. Como arcabouço teórico, assumimos os pressupostos do funcionalismo norte-americano, sobretudo aqueles referentes à abordagem clássica da gramaticalização (HOPPER, 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 2003 [1993], dentre outros). Como *corpus*, utilizamos doze inquéritos do banco de dados do PEPP (Programa de Estudo sobre o Português Popular de Salvador), desenvolvido na Universidade do Estado da Bahia. Para este trabalho, procedemos somente à análise qualitativa dos dados. Como resultados dessa análise, mostramos que alguns dos usos do *LÁ* – dêitico espacial, anafórico e catafórico – documentados na fala soteropolitana ilustram a trajetória de gramaticalização *espaço* > *tempo* > *texto* (HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991). Evidenciamos, também, que ocorrem, em construções, usos –sintagma nominal + *LÁ*, verbo (cognitivo ou perceptivo) + *LÁ* nas construções *sei lá* (modalizador e marcador discursivo) e *olha/olhe lá* (*que*)(marcador discursivo) e construções negativas – que representam a chamada metáfora *distância espacial* > *distância emocional* (MARTELOTTA; RÊGO, 1996) ou seguem o *clinenível representacional* > *nível interpessoal* (MARTELOTTA, 2011).

Palavras-chave:

Gramaticalização. Funcionalismo linguístico. Usos do *LÁ*.

ABSTRACT

In this paper, we aim to analyze the uses of *LÁ* ('there') and its grammaticalization in popular speech of Salvador. As a theoretical framework, we assume the assumptions of North American functionalism, especially those referring to the classical approach to grammaticalization (HOPPER, 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 2003 [1993], among others). As a *corpus*, we used twelve sociolinguistic interviews from the PEPP database (Program for the Study of Popular Portuguese in Salvador), developed at the University of the State of Bahia. For this work, we only carried out a qualitative analysis of the data. As preliminary results of this analysis, we show that some of the uses of *LÁ* – spatial, anaphoric and cataphoric deictic – documented in speech of Salvador illustrate the path of grammaticalization of *space* > *time* > *text* (HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991). We also evidence that uses occur in constructions – noun phrase + *LÁ*, verb (cognitive or perceptivo) + *LÁ* in constructions such as *sei lá* (modalizer and discursive marker) and *olha/olhelá* (*que*)(discursive marker) and negative constructions – which represent the so-called spatial distance metaphor > emotional distance (MARTELOTTA; RÊGO, 1996) or follow the cline representational level > interpersonal level (MARTELOTTA, 2011).

Keywords:

Grammaticalization. Linguistic functionalism. Uses of *LÁ*.

1. Introdução

Na língua portuguesa, alguns pronomes locativos (entre esses, o *LÁ*) têm sido empregados com outras funções semântico-pragmáticas que vão além do valor dêitico espacial. Pesquisas (Cf. MARTELOTTA; RÊGO, 1996; OLIVEIRA, 2004, dentre outras) têm demonstrado que esses pronomes locativos têm passado por gramaticalização, processo pelo qual itens lexicais e construções sintáticas, em contextos específicos, assumem funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais (Cf. HOPPER; TRAUGOTT, 2003 [1993]; MARTELOTTA; CEZARIO; VOTRE, 1996).

Neste trabalho, pretendemos analisar os usos do *lá* e sua gramaticalização na fala popular soteropolitana. Para tanto, tomamos como aporte teórico o funcionalismo norte-americano, no que concerne à abordagem clássica da gramaticalização, a partir do que propõem Hopper (1987), Heine, Claudi e Hünnemeyer (1991), Hopper e Traugott (2003 [1993]), Martelotta, Votre e Cezario (1996) e outros teóricos que estudam fenômeno (Cf. MARTELOTTA; RÊGO, 1996; OLIVEIRA; SANTOS, 2011 etc.).

Para a investigação da gramaticalização do *lá*, utilizamos, como *corpus*, doze inquéritos do Programa de Estudos sobre o Português Popular de Salvador – PEPP (Cf. LOPES; SOUZA; SOUZA, 2009), desenvolvido na Universidade do Estado da Bahia. Na pesquisa, analisamos os dados levantados nesses inquéritos em viés qualitativo.

Visando à descrição do fenômeno em tela, estruturamos este texto em cinco partes, além desta introdução. Inicialmente, realizamos uma breve discussão acerca do funcionalismo linguístico e de alguns dos seus pressupostos básicos. Logo depois, enfocamos o processo de gramaticalização, destacando alguns dos seus conceitos. Em seguida, descrevemos o *corpus* e os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa. Posteriormente, procedemos a uma análise qualitativa dos usos do *lá* documentados na fala popular soteropolitana. Por último, tecemos as considerações finais a respeito do objeto estudado e apresentamos as referências citadas no trabalho.

2. *O funcionalismo linguístico: algumas considerações*

A corrente funcionalista defende que a heterogeneidade e a dinamicidade são propriedades básicas inerentes a todas as línguas. Assim, as funções das formas linguísticas são compreendidas como flexíveis e sujeitas às pressões do uso. Nesse sentido, o funcionalismo, enquanto modelo teórico,

[...] caracteriza-se por conceber a língua como um instrumento de comunicação que não pode ser analisado como um objeto autônomo, mas como uma estrutura maleável, sujeita a pressões oriundas das diferentes situações comunicativas, que ajudam a determinar sua estrutura gramatical. (MARTELOTTA; KENEDY, 2015, p. 14)

Na visão funcionalista, o termo função é entendido como o uso das línguas para atingir um propósito determinado (Cf. CASTILHO, 2012). Função, portanto, deve ser interpretada em um sentido irrestrito, indo além do papel de uma palavra em uma oração. Nessa perspectiva, “refere-se ao papel que a linguagem desempenha na vida dos indivíduos, servindo a muitos e variados tipos universais de demanda” (NEVES, 2018, p. 21). Considera-se, então, que a língua tem como função primária o estabelecimento da comunicação social, além de que o estudo das formas do sistema linguístico só pode ser compreendido se forem levados em conta o uso efetivo e os fatores extralinguísticos que incidem sobre esses usos.

Sendo assim, se antes os estudos da linguagem humana se restringiam aos elementos internos do sistema, nos estudos de natureza funcional, o foco voltou-se para a relação entre forma e função; ou seja, para os funcionalistas, as funções externas ao sistema interferem na estrutura gramatical das línguas. Desse modo, de acordo com Castilho (2014, p. 68), o funcionalismo “desencapsulou’ a língua de seus rígidos limites estruturalistas e gerativistas, estabelecendo correlações entre os fatos gramaticais e os dados da comunidade que os gerou”. A língua, portanto, deixou de ser vista como um sistema fechado que não recebe influências externas, passando a ser estudada como um instrumento de interação que só existe em função de seus falantes, e, por esse motivo, sofre interferências consequentes do seu uso efetivo.

Diferentes teóricos discutem acerca da dificuldade de traçar uma caracterização única para o funcionalismo dadas as diferenças entre os estudos. A esse respeito, Neves (2018, p. 15) destaca que, “em geral, os rótulos que se conferem aos estudos ditos “funcionalistas” mais representativos ligam-se diretamente aos nomes dos estudiosos que os desenvol-

veram, não propriamente a características definidoras da corrente teórica em que eles se colocam”. No entanto, acrescenta que, embora existam diferenças entre os trabalhos de natureza funcionalista, “qualquer tratamento funcionalista de uma língua natural, na verdade, tem como questão básica de interesse a verificação (...) do modo como os falantes interagem linguisticamente, com eficiência” (NEVES, 2018, p. 16).

Na mesma linha de raciocínio, Castilho (2012) afirma que o funcionalismo “reúne um conjunto de subteorias que coincidem na postulação de que a língua tem funções cognitivas e sociais que desempenham um papel central na determinação das estruturas e dos sistemas que organizam a gramática de uma língua”. Segundo o autor, há postulados que unificam essas subteorias: (a) a língua é uma competência comunicativa, (b) as estruturas linguísticas não são objetos autônomos e (c) a explicação linguística deve ser buscada nos usos linguísticos e numa percepção pancrônica da língua. Com exceção do enfoque pancrônico, adotamos, neste trabalho, tais postulados para a análise dos usos de *lá* na fala popular soteropolitana.

Nos Estados Unidos, o funcionalismo ganhou força e importância com a realização dos estudos de Sandra Thompson, Paul Hopper e Talmy Givón, que trouxeram para seus trabalhos uma noção de linguística com enfoque no uso, “cuja tendência principal é observar a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística”, como bem lembram Martelotta e Kenedy (2015, p. 17).

Representantes dessa vertente do funcionalismo explicam a organização gramatical baseando-se em princípios de ordem cognitiva e comunicativa. De acordo com Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2015, p. 21), “segundo a hipótese funcionalista, a estrutura gramatical depende do uso que se faz da língua, ou seja, a estrutura é motivada pela situação comunicativa”. Assim, nessa visão, são os usos da língua pelos falantes que, ao longo do tempo, formam e modificam o sistema.

Em outras palavras, a gramática, para os funcionalistas, é um sistema aberto, sujeito às mudanças que se dão a partir dos usos que são feitos. No dizer de Furtado da Cunha e Tavares (2016, p. 18), “a gramática é o agregado maleável e internalizado das formações vindas da língua em uso, do discurso, das experiências com a interação linguística que os seres humanos acumulam durante a vida”. Desse modo, gramática e discurso estão estreitamente interligados: a primeira não pode ser estudada sem considerar o segundo.

Essa concepção de gramática, nos termos funcionalistas, diz respeito à noção de “gramática emergente” (Cf. HOPPER, 1987). Conforme o autor, a gramática está em um contínuo processo evolutivo e nunca está completa, o que significa dizer que a gramática de uma língua está sempre a serviço do discurso e por ele é moldada, a partir da experiência passada dos falantes e pelo contexto de fala. Nesse sentido, o autor opõe-se à visão de gramática como um sistema unificado e abstrato de regras. Para ele, as formas gramaticais, de fato, emergem dos eventos discursivos e são modificadas pelo uso.

Nessa mesma direção, Tavares (2013, p. 34) considera a gramática uma atividade em “tempo real, *on-line*”, que surge a partir do discurso, o que faz com que ela seja “aberta, fortemente suscetível à mudança e intensamente afetada pelo uso que lhe é dado no dia a dia”. Complementando essa ideia, Gonçalves *et al.* (2007) defendem que a gramática não pode ser vista como um produto acabado, mas sim como um organismo maleável, adaptável, que se refaz “em instâncias diversas, como morfologia, fonologia, semântica e sintaxe. (...). É um movimento contínuo e altamente produtivo em todas as línguas naturais” (GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 29).

Givón (1995) aponta que os funcionalistas consideram que a gramática não pode ser descrita como um sistema independente já que noções como cognição e comunicação, interação social e cultura, mudança e variação, entre outras, são importantes para o entendimento do sistema linguístico. Nesse sentido, a gramática é entendida pelos funcionalistas como um conjunto de regularidades que nunca está completa, mas em constante processo de mudança: a estrutura gramatical é vista, nas palavras de Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2015, p. 21), como “uma variável dependente, pois os usos da língua, ao longo do tempo, é que dão forma ao sistema”.

Nos estudos funcionalistas, a partir da premissa de que as línguas não existem senão em função dos usuários, a mudança linguística passa a ser compreendida como fruto da interação entre os falantes. Na próxima seção, trataremos de um tipo de mudança linguística, a gramaticalização.

3. A gramaticalização

As línguas humanas são por natureza essencialmente dinâmicas e, por existirem apenas em função dos usos, elas estão em constante processo de mudança, que acontece para atender às necessidades comunicativas dos falantes (Cf. MARTELOTTA, 2011). Essas mudanças são capazes de alterar o sistema linguístico e vão do nível lexical até o nível gramatical.

Devido ao caráter funcional das línguas, Martelotta (2011, p. 27) considera que a mudança linguística deve ser entendida como “um fenômeno essencialmente funcional, no sentido de que está relacionada às estratégias comunicativas que os usuários utilizam nos diferentes eventos de uso”. O autor chama a atenção, ainda, para o *caráter adaptativo da linguagem*; ou seja, “um sistema de comunicação que oferece opções de expressão aos falantes, refletindo sua habilidade de utilizar essas variedades adequadamente” (MARTELOTTA, 2011, p. 28).

No âmbito do funcionalismo norte-americano, a discussão acerca da mudança linguística está diretamente associada à abordagem da gramaticalização. Como já mencionamos, os funcionalistas assumem a concepção de “gramática emergente” (HOPPER, 1987), isto é, não há a ideia de gramática enquanto um produto acabado, mas como um conjunto de regras que estão em constante processo de gramaticalização.

Embora tenhamos notícias de estudos iniciais na área de gramaticalização já no século X, na China (Cf. GONÇALVES *et al.*, 2007), o termo gramaticalização foi cunhado, no início do século XX, pelo linguista Antoine Meillet, com a seguinte aceção: “um processo que consiste na mudança de uma palavra autônoma em um elemento com papel gramatical” (MEILLET, 1921 [1912] *apud* NEVES, 2018, p. 165). Como esclarecem Gonçalves *et al.* (2007), nesses primeiros estudos de Meillet, tem-se a visão da gramaticalização como um mecanismo utilizado pela linguística histórica para explicar as origens das mudanças de morfemas gramaticais.

Nos termos de Hopper e Traugott (2003 [1993], p. 1), o fenômeno da gramaticalização, considerado como um subconjunto de mudanças linguísticas, é “compreendido como um processo através do qual itens lexicais ou construções, em determinados contextos linguísticos, assumem funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a de-

envolver novas funções gramaticais”⁴⁷. Itens lexicais, no dizer de Hopper e Traugott (2003 [1993]), Martelotta, Votre e Cezario (1996) e Martelotta (2011), equivalem a elementos que fazem referência a dados do universo bio-psíquico-social, ou seja, representam entidades, qualidades e ações; nesse caso, incluem-se os substantivos, os adjetivos e os chamados verbos plenos. Já os itens gramaticais são aqueles responsáveis por organizar os itens do léxico no discurso, desse modo, estabelecem relações lógicas entre sintagmas e orações, identificam partes mencionadas ou por mencionar, e expressam noções de tempo, aspecto e modalização; nesse caso, inserem-se as conjunções, as preposições, os pronomes, os verbos auxiliares e modais, entre outras categorias linguísticas.

Para ilustrarem a diferença entre itens lexicais e gramaticais, Gonçalves et al. (2007) apresentam dois exemplos da atuação desses itens em contextos de uso linguístico:

- (1) Tinha também o amolador de facas, que era um *tipo* humano muito interessante, e tinha o tripeiro que isso, me disseram que ainda existe até hoje lá na Tijuca, ou no subúrbio (NURC – RJ)
- (2) Caras que vivem de música, gravando e fazendo shows, parecem passar pela vida sem os dramas comuns, *tipo* vestibular. Mas nem diga isso a Dinho Ouro Preto, vocalista do Capital Inicial (Caderno Vestibular, O Estado de S. Paulo, out. 2004).

Os autores destacam que, no exemplo (1), a palavra *tipo* funciona como palavra lexical, mais precisamente, como um substantivo (que se refere a um indivíduo), estabelecendo a concordância com o seu determinante e podendo receber a flexão de número. Diferentemente, no exemplo (2), conforme explicam Gonçalves et al. (2007), a palavra aparece atuando como uma preposição exemplificativa ou até mesmo uma conjunção, sendo, deste modo, invariável quanto à flexão; nesse caso, *tipo* funciona como palavra gramatical. Advertimos, ainda com base em Gonçalves et al. (2007, p. 17), que a distinção entre itens lexicais e gramaticais “serve simplesmente para diferenciar o conjunto de propriedades que identificam uma e outra categoria, o que não deve expressar um entendimento de que se está tratando a língua como portadora de categorias discretas”. Uma evidência dessa afirmação está no fato de elementos po-

⁴⁷ “[...] concerned with such questions as how lexical items and constructions come in certain linguistic contexts to serve grammatical functions or how grammatical items develop new grammatical functions” (HOPPER; TRAUGOTT, 2003 [1993], p. 1).

derem migrar de categoria linguística, como ilustra o processo de gramaticalização nas línguas humanas.

Oliveira (2011) ressalta que as primeiras pesquisas sobre gramaticalização eram voltadas à investigação de itens específicos. Segundo a autora, nessa fase, o objeto de análise era “isolado” para a efetivação do estudo: “embora houvesse referência a aspectos no nível pragmático-discursivo, como informatividade, relevância, fluxo informacional, por exemplo, a maioria das pesquisas focava um ou outro elemento, isolando-o do contexto efetivo em que era empregado” (OLIVEIRA, 2011, p. 39).

Com o passar dos anos, os pesquisadores funcionalistas ampliaram a perspectiva de estudo, olhando para além do item investigado (Cf. ROSÁRIO, OLIVEIRA 2016); nesse sentido, os contexto sintra e extralinguístico em que ocorrem os usos passam a ser considerados na análise. No dizer de Carvalho (2017 p. 86), fundamentada em Hopper e Traugott (2003 [1993]), analisar todo o contexto é relevante, pois “na gramaticalização, a mudança categorial nem sempre opera apenas em um determinado item, mas em toda a construção em que se encontra esse item”. Um exemplo de gramaticalização de construção pode ser visto no padrão sintagma nominal (SN) mais pronome locativo (loc), como mostra (3).

- (3) a reunião estava marcada às sete e meia... eu fui convidado e tinha um... um rapaz... que...saiu devido a **uns problemas lá**... questão de disciplina... não sei que questão... eu ocupei o lugardele... como:... naveteiro...⁴⁸

Em (3), o *lá* sofre reanálise e vincula-se ao SN de modo que o valor locativo ou estatuto adverbial já não é mais identificado. Consoante Oliveira (2012), nesse contexto, o pronome locativo passa a incorporar o SN que o antecede: nesse caso, a expressão *uns problemas lá* forma um todo semântico-sintático que não permite a inserção de outros constituintes ou inversões de ordem, formando a construção SN + Loc.

A partir desses entendimentos, podemos perceber que a gramaticalização decorre da necessidade de se refazer que a gramática das línguas possui. Essas transformações não acontecem de maneira rápida nem instantânea uma vez que toda e qualquer mudança linguística apresenta um caráter gradual; durante esse processo, pode haver estágios intermediários em que uma palavra pode fazer parte de duas categorias simultaneamente. Trata-se, portanto, de um processo que provoca reanálise ca-

⁴⁸ Exemplo extraído de Oliveira (2012).

tegorial e, por conseguinte, alterações nos atributos morfossintáticos e funções semânticas e discursivo-pragmáticas de itens/construções. Em outros termos, a gramaticalização cria novas formas a partir de formas já existentes em uma determinada língua.

Na próxima seção, caracterizamos o *corpus* e os passos metodológicos seguidos na pesquisa.

4. Metodologia

Empreendemos, neste estudo, uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa. Para a descrição dos usos – gramaticalizados ou não – do *lá*, baseamo-nos em um corpus constituído de doze inquéritos do Programa de Estudos sobre o Português Popular de Salvador – PEPP (Cf. LOPES; SOUZA; SOUZA, 2009), desenvolvido na Universidade do Estado da Bahia.

De acordo com Lopes (2018), o PEPP surgiu a partir da necessidade de estudar a fala popular de Salvador e foi implementado entre os anos de 1998 a 2000. As entrevistas, seguindo os preceitos da sociolinguística variacionista (Cf. LABOV, 2008 [1972]), buscaram captar a língua vernacular da comunidade de fala composta pela população não universitária de Salvador. Essas entrevistas possuem aproximadamente 40 minutos e os informantes são indivíduos do sexo masculino e feminino, com níveis de escolaridade fundamental e médio, que estão distribuídos em quatro faixas etárias (de 15 a 24 anos, de 25 a 35 anos, de 45 a 55 anos e de 65 anos em diante).

Para a observação do fenômeno em estudo, adotamos os seguintes procedimentos metodológicos: (i) levantamento e fichamento das ocorrências de *lá* nos doze inquéritos do PEPP; (ii) classificação dos usos do *lá* como item ou em construção encontrados na amostra; (iii) análise qualitativa dos dados levando em conta as funções semântico-pragmáticas arroladas para o *lá*.

Na próxima seção, citamos os empregos do *lá* encontrados na variedade soteropolitana e suas principais características, relacionando tais empregos ao processo de gramaticalização.

5. Usos do *LÁ* na fala popular de Salvador

Como resultados da análise qualitativa dos dados empreendida neste trabalho, evidenciamos, no português popular soteropolitano, cinco funções do *lá*: dêitico espacial; os usos fóricos, anafórico e catafórico; construção em que o pronome locativo integra o SN que o antecede; construção com verbo (cognitivo ou perceptivo) + pronome locativo atuando como marcador discursivo; e pronome locativo como parte de uma construção negativa.

No exemplo (4), o *lá* alude, espacialmente, a elementos do mundo concreto:

- (4) Então, mas só que ela ia vender milho de manhã e ela queria justamente esse lenço. Senhorita o lenço (inint) na cabeça”, “O lenço está aí, mana, procure, que está aí”. Eu procurei tudo, mas sabendo que não estava *lá*... (PEPP, Inq. 19, p. 166)

Em (4), ao relatar um fato ocorrido consigo há um tempo, a falante faz uma referência espacial ao local onde ela procurou o lenço mesmo sabendo que não iria encontrar. Assim como Martelotta e Rêgo (1996), consideramos que esse uso do *lá* é a forma fonte que possibilita novos usos gramaticalizados desse item, em que o elemento vai perdendo seu valor espacial original para assumir novas funções, como podemos perceber nos seguintes dados da nossa análise:

- (5) Tem uma, *uma escola em Feira de Santana* que eu fiz a sétima série *lá*, que eu viajava muito, eu fui pra tudo que é canto, eu já falei umas três aqui... (PEPP, Inq. 23, p. 216)
- (6) É, dois anos e meio aqui no, no, que hoje é o *SESC* né, onde foi que eu estudei o segundo colegial *lá*, e sempre boa aluna, que hoje eu não seja, entendeu? (PEPP, Inq. 12, p.129)
- (7) Lembra ainda. A mãe dela foi *lá em casa*, eu me lembro, fazer queixa a minha mãe, a minha mãe me bateu. Coisa, mas... (PEPP, Inq. 24, p. 260)
- (8) Não, não, da primeira... da primeira não me lembro porque foi... como é o nome da Conceição da Praia, então esse (Inint.) e eu me lembro de uma professora *lá no Liceu* ela já era uma

senhora, não é? Uns quarenta anos, ela era meio durinha, não é? (PEPP, Inq. 37, p. 222)

Nos excertos em (5) e (6), o *lá* faz referência a dados do texto já citados: *uma escola em Feira de Santana* e *SESC*, respectivamente. Como os referentes se encontram antes do *lá*, temos, nesses excertos, o *lá* com valor anafórico. Já em (7) e (8), a referência do *lá* é feita a elementos textuais ainda por citar (*em casa* e *no Liceu*, respectivamente). Nesses casos, o *lá* tem função catafórica.

Sobre os empregos anafórico e catafórico do *lá*, Martelotta e Rêgo (1996) adotam a noção de espacial pleno quando esse pronome locativo faz menção a elementos detectáveis na superfície textual e espacial inferível quando esse item refere-se, anafórica ou cataforicamente, a elementos que podem ser inferidos pelo contexto. Tanto em (5) e (6), em que há a remissão anafórica, como em (7) e (8), em que há a alusão a dados por citar, os referentes estão explícitos, há, portanto, ocorrências do **lá** como espacial pleno. Exemplos de espacial inferível não foram encontrados na amostra analisada.

Usos do **lá** como os ilustrados de (5) a (8) seguem a trajetória de gramaticalização **espaço** > **(tempo)** > **texto** (HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991), em que a gramaticalização do *lá* parte do seu valor dêitico espacial, fazendo alusão a algo do mundo concreto, para o uso mais gramaticalizado que ocorre como elemento fórico no texto. Podemos, ainda, dizer que, de modo geral, tais usos representam o que Heine, Claudi e Hünemeyer (1991) chamam de **metáfora espaço** > **discurso**. Nessa direção, esteando-nos em Aguiar (2010), entendemos que, nos quatro exemplos supracitados, o pronome locativo enfraquece sua função na indicação de lugar e funciona como elemento de coesão do discurso na atuação da relação fórica.

Na amostra analisada, registramos ocorrências do *lá* atrelado ao verbo cognitivo *saber* no contexto do presente do indicativo, na primeira pessoa do singular, mais precisamente, na construção *sei lá* (9), (10). No dizer de Oliveira e Santos (2011), nessa expressão, a forma verbal (*sei*) e o pronome locativo (*lá*) compõem uma unidade de sentido e forma que atuam de modo integrado no nível pragmático-discursivo.

- (9) Não, não, eu acho que eu vou querer alguma coisa diferente sim, acho que **sei lá**, eu acho que a Bahia está faltando mais universidades assim, vou já vou logo entrar na, no fato de universidade né que eu estou nesse meio agora né, estou nessa lu-

ta aí pra conseguir uma vaga e estou vendo que está difícil (...). (PEPP, Inq. 12, p. 147)

- (10) Há! Eu lembro que, **sei lá**, minha infância ela não foi muito, assim, minhas irmãs cuidavam de mim, porque minha mãe ela ficou, teve que ir para o hospital, hospício, heim? Daí minha irmã cuidava de mim e... era assim não via muito minha mãe não pude ter muito tempo com ela quando era pequena. (PEPP, Inq. 44, p. 92)

Em (9), temos um uso modalizador da construção quando o informante, ao emitir sua opinião sobre sua inserção na universidade, busca atenuar seu ponto de vista acerca da necessidade de aberturas de mais universidades na Bahia. Uma outra evidência é que, em (9), *sei lá* é empregado entre duas ocorrências do modalizador de opinião (*eu*) *acho que*. Em (10), diferentemente, a informante, ao falar sobre sua infância, faz uma pausa para, provavelmente, encontrar as palavras certas para organizar seu discurso, demonstrando uma hesitação sobre o que está sendo dito. Em outras palavras, a construção *sei lá* desempenha a função semântico-pragmática de marcar essa hesitação, funcionando como marcador discursivo.

Consideramos que os dois exemplos supramencionados se coadunam com a distinção feita por Oliveira e Santos (2011) para as funções desempenhadas pela construção *sei lá*:

No âmbito textual mais amplo, ligado à esfera discursiva, *sei lá* pode atuar basicamente com duas funções mais gerais: como modalizador, na atenuação do tom opinativo do emissor, que assim preserva sua face diante da opinião emitida, e como marcador discursivo, numa esfera mais avançada de gramaticalização, na qual se registram algumas subfunções, como a de hesitação ou correção. (OLIVEIRA; SANTOS, 2011, p. 367)

Concordamos com os autores que, quanto ao *cline* de gramaticalização, a forma *sei lá* na função de marcador discursivo está em um nível mais avançado de gramaticalização do que a construção modalizadora, uma vez que, como lembram Oliveira e Santos (2011, p. 369), aquela função “é utilizada sem maiores restrições ou previsibilidade, com sentido altamente opaco”.

Outro uso do *lá* em padrão construcional se atualiza, no *corpus*, na construção formada por verbo perceptivo e pronome locativo. Nos dados examinados, atestamos, no contexto morfossintático de segunda pessoa do singular do imperativo, o verbo perceptivo visual *olhar* unido ao *lá* em uma construção que exerce a função típica de marcador discursivo

com diferentes valores semântico-pragmáticos (CARVALHO; GOMES, 2017). Nesse contexto, são empregadas as formas *olhe* (11) e *olha* (12) com o *lá* pelos falantes soteropolitanos.

(11) O governo se interessar mais, verbas, mais verbas, mais incentivo (...). Eu já briguei até com professores, nas escolas lá de Monte Serrat, eu digo gente isso aí não pode acontecer, e o pessoal, ah, mas foi o governo, eu digo, toda a criança na escola e começa a cortar, e cortou mesmo, tinha, existia, mas tirou as crianças do prezinho, de, só com sete anos em diante, e **olhe lá**... (PEPP, Inq. 23, p. 216)

(12) DOC: As crianças são, brincam mais, né?

23: Tem muito mais coisas pra brincar, muitas invenções, né? Uma coisa mais futuristas, e, e eu mesmo brincava muito mas era com, com tijolinhos que eu achasse, a minha condição financeira era muito pouca né, mas eu tinha meus brinquedo, **olha lá que** meus brinquedo, meus tijolinhos de, de sofá eram ótimos... (PEPP, Inq. 23, p. 204)

Em (11), ao falar sobre a atuação do governo e a idade em que a oferta de educação torna-se gratuita, encontramos um uso concessivo de *olhe lá*, em que o marcador discursivo é usado para encerrar o turno. Já em (12), ao lembrar que, embora tivesse poucas condições financeiras, a informante quer ressaltar a informação de que seus brinquedos também eram bons, ou seja, por meio da construção *olha lá que*, ela busca destacar um trecho de sua fala.

Com base em Martelotta (2011), podemos dizer que os usos de *olhe lá* e *olha lá que* em (11) e (12), respectivamente, ilustram a mudança, via gramaticalização, de atuação de elementos no nível representacional (que engloba dados – objetos, entidades, sentimentos, ações, estados e qualidades – do mundo biossocial) para o nível interpessoal (que compreende “as expressões (...) cujas funções estão relacionadas aos processos através dos quais o falante elabora o seu enunciado para um determinado ouvinte em um contexto específico de uso”) (Cf. MARTELOTTA, 2011). Sendo assim, *olhe lá* e *olha lá que* passam a funcionar como marcadores de chamamento de atenção do ouvinte (Cf. ROST SNICHELLOTTO; GÖRSKI, 2011; CARVALHO; GOMES, 2017).

Assim como Martelotta e Rêgo (1996), Aguiar (2010) e Araújo (2014), que analisaram distintas variedades do português brasileiro, en-

contramos, na fala soteropolitana, instanciações de uma construção em que o *lá* penetra no sintagma nominal formando o padrão SN + pronome locativo (13). Do ponto de vista semântico-pragmático, como mencionam Martelotta e Rêgo (1996, p. 245), o emprego desse padrão construcional “caracteriza-se por indicar que o falante não quer ou não pode especificar o substantivo a que se refere (...)”.

- (13) (...) Minha mãe dizia: “Negona, eu não posso sair daqui com os meus filhos porque eu não tenho pra onde ir”. Ela: “Então, se vire, dê seu jeito, entendeu, eu quero o terreno que é pra M ... fazer a casa dela, eu vou querer que derrube o que é seu e saia daí...” Que a filha dela desceu com **um cara lá** e se perdeu, então ela queria o terreno que ela deu a minha mãe.. (PEPP, Inq. 19, p. 170)

Em dados como o de (13), o *lá* passa a integrar o SN que o antecede e modifica o substantivo (*cara*), que é o núcleo do sintagma, atuando como marcador de especificidade (CONFESSOR, 2013). Em (13), o informante demonstra um distanciamento emocional acerca do *cara*, indicando que ele não sabe, não deseja ou não considera importante apresentar maiores informações sobre o indivíduo. Esse uso remete a uma trajetória de gramaticalização que Martelotta e Rêgo (1996) chamam de metáfora distância espacial > distância emocional. Conforme explicam os autores, na construção SN LÁ, a noção espacial original da partícula se abstratiza, associando-se à função modalizadora.

Outro uso do *lá* documentado na amostra foi o do pronome locativo funcionando como parte de uma construção negativa (14).

- (14) DOC: E como era seu relacionamento com suas irmãs na infância?
37: **Não foi lá** muito bem não. Porque eu vivia mais fora, não é? ela vivia mais com minha mãe e eu praticamente eu vivi mais fora de minha mãe do que com própria minha mãe, que minha mãe era lavadeira, não é? Aposentada, era lavadeira. Então tive que partir para o outro lado, não é? (...) (PEPP, Inq. 37, p. 219)

Em (14), observamos um uso em que o pronome locativo se vincula ao verbo na construção *não foi lá*. Nesse exemplo, embora o valor locativo não seja claro nem exclusivo, o falante se vale do distanciamento veiculado pelo *lá* para não demonstrar comprometimento com o que

está sendo dito: ao falar sobre o relacionamento com suas irmãs, embora ele considere que não foi muito bom, há uma atenuação da negação provocada pelo uso do *lá*. Podemos perceber esse distanciamento, pois, se tirássemos o pronome locativo da construção (*Não foi muito bem não*), o efeito de atenuação não seria percebido. Nessa linha de argumentação, podemos também evocar, para o emprego do *lá* em construção negativa, a metáfora **distância espacial** > **distância emocional** (Cf. MARTELOTTA; RÊGO, 1996).

De acordo com Kanthack e Sousa (2021, p. 173), usos como o apresentado em (14) “indicam que estamos diante de uma construção complexa formada de três subpartes: negação + verbo + locativo, compondo, assim, uma unidade integrada de forma e de sentido”, em que o pronome locativo exerce um papel pragmático-discursivo que vai além dos limites do enunciado (Cf. KANTHACK; SOUSA, 2021). Em outras palavras, o *lá* atua como um modalizador que colabora na organização e formulação dos enunciados.

Podemos perceber que os usos supracitados ilustram diferentes instâncias de gramaticalização e, por conseguinte, casos de abstratização semântica do *lá* a partir do seu sentido fonte, dêitico espacial. Notamos, ainda, que, embora tenham emergido de um mesmo sentido fonte, os empregos do *lá* aqui examinados nem sempre percorreram uma mesma trajetória de gramaticalização.

6. Considerações finais

Neste estudo, alicerçando-nos no referencial teórico do funcionalismo norte-americano e, mais precisamente, da abordagem clássica da gramaticalização, investigamos os usos do *lá* e sua gramaticalização em dados reais da fala popular soteropolitana.

Com a análise qualitativa efetuada, constatamos que, na amostra examinada, *lá* apresenta indícios de que está passando por processos de gramaticalização não só como um item isoladamente, mas em determinadas construções. Como item, verificamos uma migração do *lá* dêitico espacial para usos fóricos (anafórico e catafórico), o que serve de evidência empírica das trajetórias de gramaticalização **espaço** > **(tempo)** > **texto** e **espaço** > **discurso**, postuladas por Heine, Claudi e Hünemeyer (1991).

Além dos usos do *lá* como item, evidenciamos a ocorrência do *lá* em três tipos de construções: (i) sintagma nominal (SN) + *LÁ*; (ii) verbo + *LÁ*; (iii) negação + verbo + *LÁ*. No primeiro caso, o *lá* integra-se ao SN e modifica o seu núcleo, demonstrando que o falante não quer/pode fornecer mais informações sobre esse núcleo ao qual se relaciona. No segundo caso, o *lá* se une a um verbo, que pode ser cognitivo ou perceptivo, nos padrões construcionais *sei lá* (modalizador e marcador discursivo) e *olha/olhe lá (que)* (marcador discursivo), respectivamente. No último caso, o *lá* faz parte de uma construção negativa, com a função de atenuar o grau de comprometimento do falante com o que está sendo enunciado. A primeira e a última construção exemplificam a chamada metáfora **distância espacial > distância emocional** (Cf. MARTELOTTA; RÊGO, 1996). A segunda construção demonstra uma mudança de atuação no **nível representacional > nível interpessoal** (Cf. MARTELOTTA, 2011).

Os dados de fala popular soteropolitana aqui analisados permitiram evidenciar a multifuncionalidade do *lá*, estando esse envolvido em diferentes trajetórias de gramaticalização descritas neste texto. Os resultados qualitativos obtidos na nossa análise atestam o caráter dinâmico da estrutura gramatical, que, como apregoam os funcionalistas, está sempre sujeita a pressões de uso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Milena Torres. *Padrões funcionais no uso dos pronomes locativos*: uma abordagem construcional. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010. 162f. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/18957>. Acesso em: 20 set.2021.

ARAÚJO, Dalva Pereira Barreto de. A gramaticalização da partícula *lá*. *Cadernos do CNLF*, v. XVIII, 2014, n. 1, p. 339-52. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2014. Disponível em http://www.filologia.org.br/xviii_cnlf/cnlf/01/023.pdf. acesso em: 23.set.2021.

CARVALHO, Aristina dos Santos. Gramaticalização e contexto morfosintático: o que acham, olham e dizem os soteropolitanos? In: LOPES, N. da S.; OLIVEIRA, J.M de; PARCERO, L.M. de J. (Orgs). *Estudos sobre o Português do Nordeste*: língua, lugar e sociedade. São Paulo: Blucher, 2017. p. 83-106. Disponível em: <https://openaccess.blucher>.

com.br/article-details/gramaticalizacao-e-contexto-20415. Acesso em: 23set.2021.

CARVALHO, Cristina dos Santos; GOMES, Jande Cleia Capistrano. Olha, olhe e oh: gramaticalização do verbo *olhar* na fala popular soteropolitana. *Estudos linguísticos e literários*, n. 57, p. 297-318, Salvador, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/24779>. Acesso em: 05.out.2021.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Funcionalismo e gramáticas do português brasileiro. In: SOUZA, E. *et al.* (Org.). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 17-42

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.

CONFESSOR, Francisco Wildson. *Aí, lá, ali e aqui*: gramaticalização de um paradigma emergente no domínio funcional da especificação nominal. 2013. 198 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; COSTA, Marcos Antonio; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, M.A.; OLIVEIRA, M.R. de; MARTELOTTA, M.E. (Org.). *Linguística funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola, 2015. p. 21-45

_____; TAVARES, Maria Alice. Linguística funcional e ensino de gramática. In: ____; ____ (Org.). *Funcionalismo e ensino de gramática*. Natal: EDUFRRN, 2016. p. 12-58

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (Orgs). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola, 2007, p. 67-90

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization. A conceptual framework*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, Paul J. Emergent grammar. *Berkeley Linguistics Society*, n. 13, p. 139-57, 1987. Disponível em: <https://journals.linguisticsociety>.

org/proceedings/index.php/BLS/article/view/1834/0. Acesso em: 21 set.2021.

HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003 [1993].

KANTHACK, Gessilene Silveira; SOUSA, Valéria Viana. O locativo “lá” como subparte de uma construção negativa no português brasileiro. In: ABBADE, C.M. de S.; CARVALHO, C. dos S.; SANTOS, E.S. dos (Orgs.). *Linguagem discurso e sociedade caminhos que se entrecruzam*. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 167-78

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LOPES, Norma da Silva; SOUZA, Constância Maria Borges; SOUZA Emília Helena Portella Monteiro. *Um estudo da fala popular de Salvador – PEPP*. Salvador: Quarteto, 2009.

LOPES, Norma da Silva. O PEPP e os estudos sobre o português de Salvador. *Revista Digital dos Programas de Pós-Graduação do Departamento de Letras e Artes da UEFES*. Feira de Santana, v. 19, n. esp., p. 23-39, março de 2018. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/2857/pdf>. Acesso em 11 de agosto de 2020.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. RÊGO, Lana. Gramaticalização de *lá*. In: ____; VOTRE, S.J.; CEZARIO, M.M. *Gramaticalização no português do Brasil uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: 1996. p. 237-50

_____; KENEDY, Eduardo. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, M.A.; OLIVEIRA, M.R.; MARTELOTTA, M.E. (Orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola, 2015. p. 11-20

_____; VOTRE, Sebastião; CEZARIO, Maria Maura. O paradigma da gramaticalização. In: ____; ____; ____ (Orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro / UFRJ, 1996.p. 45-75

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática funcional: interação, discurso e texto*. São Paulo, Contexto, 2018.

OLIVEIRA, Mariângela Rios de. Funcionalismo e gramática: teoria gramatical ou teoria do uso. *Guavira Letras*, v. 12, p. 36-45, Três Lagoas, 2011.

_____. Padrões construcionais formados por pronomes locativos no português contemporâneo do Brasil. *Revista Lingüística* – Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, junho de 2012. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/4473>. Acesso em: 01 out.2021.

_____; SANTOS, Leonardo Pereira dos. Padrões de uso da expressão sei lá no português. *Signótica*, v. 23, n. 2, p. 363-84, [s.l.], 2012. DOI: 10.5216/sig.v23i2.17529. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/17529>. Acesso em: 22 set. 2021.

ROSÁRIO, Ivo da Costa; OLIVEIRA, Mariângela Rios de; Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, 2016, n. 60. v. 2, p. 233-59. São Paulo. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/8007>. Acesso em: 21set.2021.

ROST SNICHELOTTO, Claudia Andrea; GORSKI, Edair Maria. (Inter) subjetivização de marcadores discursivos de base verbal: instâncias de gramaticalização. *Alfa*, v. 55, n. 2, p. 423-55, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/4735/4040>. Acesso em: 05 out.2021.

TAVARES, Maria Alice. Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística. *Revista de Estudos em Língua e Literatura*, v. 17, p. 27-48, 2013. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1312>. Acesso em: 21.set.2021.